

“Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo”: desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco

“On feminism, racism, xenophobia and everything else”: Narrative imbalances in heterosexual performances of a white migrant student

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas¹

leticia.freitas@ufpel.edu.br

Universidade Federal de Pelotas

Luiz Paulo Moita Lopes²

moitalopes@pq.cnpq.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO - O presente artigo objetiva analisar os posicionamentos interacionais negociados por um aluno migrante em uma situação de entrevista narrativa. Tal investigação leva em conta o caráter performático da linguagem e os estudos de narrativa como performance. Os posicionamentos interacionais são analisados com base nas pistas linguísticas utilizadas para marcá-los. O estudo aponta para desequilíbrios nas performances narrativas do universitário, propiciadas pela experiência da migração.

Palavras-chave: narrativas, performance, posicionamento interacional.

ABSTRACT - This paper analyses the interactional positionings negotiated by a migrant student in the context of a situated narrative interview. This investigation takes into account the performative nature of language and the performative theorization of narratives. The interactional positionings are analysed by considering indexical cues present in the narratives. The study shows the unbalanced narrative performances of the student, which occur due to his migration experience.

Keywords: narratives, performance, interactional positioning.

Situando o estudo

Fenômenos de deslocamento e de migração não são recentes na história dos povos, mas temos assistido, na modernidade recente³, a uma intensificação desses fenômenos. Tal mobilidade se deve, em grande parte, ao que se tem denominado *globalização*, palavra amplamente empregada para tentar explicar e descrever processos sociais que relacionam, em escala mundial, diversos atores sociais, englobando fenômenos econômicos, políticos e

culturais – como os fluxos migratórios e de comunicação (Mato, 2005).

Pois bem, nosso interesse aqui recai justamente nesse fluxo de pessoas, aquilo que Canclini (1999, p. 63) designa como o suporte humano da globalização, uma vez que, além da circulação de capitais, bens e mensagens, os processos de globalização possibilitam a circulação de pessoas “que se movimentam entre países e culturas como migrantes, turistas, executivos, estudantes, profissionais, com frequentes idas e voltas, mantendo vínculos assíduos

¹ Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Letras. Rua Gomes Carneiro, 1, 96010-610, Pelotas, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Av. Horácio Macedo, 2151, Cidade Universitária, 21941-917, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Embora seja difícil precisar o surgimento da condição denominada de modernidade recente (Chouliaraki e Fairclough, 1999), também denominada de modernidade tardia ou pós-modernidade, é fato que tal condição está relacionada à globalização, envolvendo processos culturais, políticos, econômicos, sociais que se caracterizam “pelo mundo da compressão do tempo e do espaço, da tecnologia digital, dos choques e das mudanças socioculturais, das hibridizações de vários tipos (linguísticas, culturais, discursivas, etc.), da hipersemiotização, da superdiversidade, da presença do chamado terceiro mundo no primeiro e vice-versa, dos fluxos entre fronteiras físicas e virtuais, entre outros processos [...]” (Moita Lopes, 2013, p. 19).

entre sociedades de origem e itinerantes, que não eram possíveis até metade do século XX”. Esse fluxo de pessoas é possibilitado, entre outras coisas, pelo avanço dos meios de transporte – consequência do desenvolvimento tecnológico testemunhado nas últimas décadas –, que tornaram as distâncias físicas mais fáceis de serem ultrapassadas. Nesse sentido, Bauman (1999) assinala que a distância é um produto social, já que sua dimensão estaria relacionada à velocidade com que pode ser transposta.

Cabe ressaltar que vários são os motivos pelos quais as pessoas se deslocam, e também que várias são as condições em que isso acontece – desde aquelas pessoas que abandonam sua cidade ou seu país em busca de melhores condições devido a guerras e a crises econômicas e sociais, refugiados e exilados de toda espécie, como o caso recente e dramático de imigrantes sírios, que têm encontrado as fronteiras, sobretudo europeias, fechadas, até executivos de grandes empresas multinacionais que se deslocam na esteira do capital econômico, e que têm livre acesso a vários lugares do mundo globalizado.

Assim, podemos considerar que “as migrações são um processo multidimensional, condensando toda a complexidade da des-re-territorialização das sociedades” (Haesbaert, 2004, p. 233). É com base nessa multidimensionalidade que é necessário analisar os fenômenos de migração e a “figura do migrante”, levando em conta que episódios de movimento e de migração sempre estiveram presentes nas sociedades (Nail, 2015). Entretanto, o que ocorre atualmente é que a globalização tem alterado sobremaneira a diversidade – social, cultural, linguística – do mundo (Blommaert e Rampton, 2011), e essa “diversificação da diversidade” tem sido chamada de Superdiversidade (Vertovec, 2007), fenômeno caracterizado “por um tremendo aumento de categorias migrantes” (Blommaert e Rampton, 2011, p. 2).

Neste artigo, voltamos nossa atenção para um tipo de deslocamento que tem ocorrido recentemente no Brasil e que, se não é novo, aumentou bastante também em razão do “encurtamento” de distâncias: trata-se do deslocamento de pessoas no Brasil para estudar em universidades distantes de seu Estado de origem. Tal mobilidade é principalmente permitida graças a uma nova forma de acesso ao ensino público superior, o Sistema de Seleção Unificada (SiSU), adotado, paulatinamente, como forma de acesso, total ou parcial, a universidades públicas brasileiras⁴, independente de onde o candidato esteja.

Mesmo que esse tipo de migração não se configure de forma tão radical, no sentido de provocar expulsão e exclusão (Nail, 2015), e de não configurar sociedades totalmente inseridas nesse ambiente superdiverso, a experiência do deslocamento e da mobilidade provocada pelos fluxos migratórios oriundos do SiSU possibilita inúmeras vivências que engendram novos discursos e novas formas de se constituir na relação com os outros, habitantes do lugar para o qual o migrante se deslocou. No caso específico dos estudantes que se deslocam, um fenômeno muito comum em outras partes do mundo, como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, é importante ressaltar a particularidade do ambiente universitário, pois é nele que geralmente os acadêmicos passam a maior parte do seu tempo, criam laços de amizade e estabelecem uma convivência que se estende para além desse espaço e, em muitos casos, para o resto da vida. Isso, porém, nem sempre acontece de maneira tranquila, havendo conflitos que vão desde a um estranhamento mais superficial em relação aos modos alteritários de viver, até manifestações profundas de preconceito (Haesbaert, 1997; Albuquerque Jr., 2007).

Ressaltando a importância de estudar esse fenômeno de migração e de mobilidade propiciado pelo SiSU – um fato social novo no Brasil –, já que, a cada ano, o número de alunos nessa condição vem aumentando, nossa intenção é analisar a narrativa de um desses estudantes, que se mudou de uma cidade localizada em um estado da região Centro-Oeste para uma localizada na região Sul – ambas cidades do interior. Objetivamos mapear alguns dos posicionamentos interacionais negociados por ele, com base em tal deslocamento, em uma situação de entrevista narrativa, uma vez que entendemos que a linguagem é lugar da construção performativa de quem somos. Tal investigação leva em conta, portanto, o caráter performativo da linguagem (Austin 1990 [1962]; Butler, 2003 [1990]; Pennycook, 2007) e os estudos de narrativa como performance (Threadgold, 2005; Thornborrow e Coates, 2005; Peterson e Langellier, 2006). Além disso, considerando-se o argumento de que o ato de narrar é performance que posiciona o narrador e a audiência (Davies e Harré, 1990; Wortham, 2001; Bamberg, 2002; Moita Lopes, 2006a), a análise irá se debruçar sobre os posicionamentos interacionais mobilizados pelo entrevistado, com base nas pistas linguísticas utilizadas para marcá-los, como se verá adiante.

⁴ Em 1998, foi criado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo inicial de avaliar, anualmente, o desempenho dos estudantes brasileiros, a fim de que os resultados de tal desempenho auxiliassem no desenvolvimento de políticas públicas para a Educação. A partir de 2009, houve modificações no processo, e o resultado do exame passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Mesmo reconhecendo a mobilidade possibilitada pelo SiSU, há argumentos de que tal mobilidade se dá, majoritariamente, entre alunos dos estados mais ricos do país (Silveira *et al.*, 2015). Além disso, questiona-se a eficácia do ENEM como instrumento avaliativo (Souza e Rodrigues, 2014).

Com base no exposto, inicialmente situaremos o campo teórico do estudo, circunscrevendo noções sobre o caráter performativo da linguagem, relacionando-o aos conceitos de entextualização e de indexicalidade. A seguir, abordaremos a questão da narrativa como performance e as concepções de posicionamento e de pistas indexicais para, finalmente, passarmos à análise da narrativa, guiada por pistas como referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; indexicais avaliativos e modalização (Wortham, 2001; Bronckart, 2007 [1997]), utilizadas para sinalizar os posicionamentos interacionais assumidos pelo narrador de modo a compreender os efeitos performativos de seu narrar.

Pressupostos teóricos

Este estudo parte de uma perspectiva indisciplinar⁵ de se produzir conhecimento (Moita Lopes, 2006b), que tem colocado em xeque alguns dos pressupostos tão caros a uma visão mais tradicional e modernista não só da Linguística Aplicada, mas de outros campos do conhecimento, visão essa calcada “nos princípios básicos do pensamento iluminista europeu e em dois dos seus produtos, o positivismo e o estruturalismo” (Pennycook, 1998, p. 25). Em contraposição a tal visão moderna de se fazer pesquisa, a Linguística Aplicada, sob uma perspectiva indisciplinar, alinha-se a outras áreas das Ciências Humanas e Sociais procurando “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006b, p.14).

Nesse sentido, retomamos a noção de Austin a respeito do caráter performativo da linguagem, crucial para a perspectiva socioconstrucionista de linguagem adotada aqui (Moita Lopes, 2003): para Austin (1990 [1962], p. 29), é por meio das palavras que nós fazemos coisas no mundo – “*por* dizermos, ou *ao* dizermos algo estamos fazendo algo”. Esse caráter performativo da linguagem, no sentido de que ela “produz aquilo que descreve” (Pennycook, 2007, p. 66), foi retomado e ampliado por autores como Derrida (1991 [1972]) e Butler (2003 [1990]), que colocaram em destaque a performatividade da linguagem.

Derrida (1991 [1972]), ao retomar Austin, explicita a iterabilidade da linguagem. Para Derrida, a principal questão não é estabelecer o que faz um ato performativo “feliz”, mas como o uso da linguagem é feito pela citação e pela repetição (iterabilidade) – todo ato de fala funciona pela possibilidade de ser repetido em outros contextos. Dessa forma, o significado de um texto é visto em termos de sua historicidade pré-textual e dialógica, das relações

intertextuais e nas estruturas sub e pós-textuais de significação e interpretação (Pennycook, 2007).

Como usamos a linguagem sempre por meio de citação e repetição, faz-se necessário introduzir um outro conceito, o de entextualização. A performance de um texto deve ser compreendida levando-se em conta a sua “dinâmica de recontextualização” (Bauman, 1986), ou seja, o que se chama de entextualização são os processos de descontextualização e recontextualização que constituem a trajetória de um texto. Bauman e Briggs (2006, p. 206) explicitam que entextualização “é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um *texto* – que pode ser extraído do seu cenário interacional. Um texto, então, nessa perspectiva, é discurso passível de descontextualização”.

Essa capacidade dos textos, das narrativas, de serem entextualizados, está interligada à noção de iterabilidade da linguagem, o que propicia que, a cada citação e repetição, novas histórias sejam contadas, já que, cada vez que recontamos uma história, ela é outra, pois é entextualizada em outro contexto criado no narrar. Com base no argumento acima, podemos considerar que os significados são negociados, como é o caso da narrativa aqui analisada. Para dar conta dessa negociação, utilizaremos o conceito de indexicalidade (Silverstein, 2003, 2009; Blommaert, 2006, 2010; De Fina e Georgakopoulou, 2012). Assim, nos processos de criação de significados, que envolvem a questão da iterabilidade, temos de considerar o entrelaçamento entre o enunciado com certas categorias mais amplas. Esse entrelaçamento se baseia na ideia de que certos “signos (não somente os linguísticos) “indexam”, ou apontam para alguma coisa que é externa a eles” (De Fina e Georgakopoulou, 2012, p. 176)⁶.

Segundo Silverstein (2009, p. 756), a indexicalidade “é o princípio de contextualização dos signos linguísticos em uso”, ou seja, a indexicalidade é evidenciada pela maneira como os signos apontam para os interlocutores os discursos que são mobilizados na interação. Dessa forma, nas nossas interações locais e situadas, os significados produzidos localmente estão sempre imbricados em significados produzidos em um nível macrossocial. Nesse sentido, Blommaert (2006, p. 3) lembra que “essa dualidade em que a língua ocorre tanto como fenômeno individual, único e de uma só época quanto simultaneamente como fenômeno coletivo e relativamente estável, foi frequentemente capturada sob rótulos como ‘micro’ e ‘macro’”⁷.

⁵ O campo da Linguística Aplicada tem discutido, há algum tempo, esse tipo de perspectiva, que recebeu, de alguns teóricos, diferentes denominações: Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006b), Linguística Aplicada Transgressiva (Pennycook, 2006) e Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 1998).

⁶ Todas as traduções são de responsabilidade dos autores do trabalho.

⁷ O que pode ser comparado com a distinção que Gee (2004) faz entre Discurso, em maiúsculo, que faz alusão ao conhecimento, às ideologias e às maneiras de se estar no mundo, e discurso, em minúsculo, que diz respeito à linguagem em uso.

Com base em tais considerações, passaremos a seguir à questão do caráter performativo das narrativas.

Narrativa como performance

Como já observado por muitos teóricos (Connelly e Clandinin, 2011; Freeman, 2013; Kim, 2016), os estudos de narrativas há muito transcendem o campo dos estudos literários e constituem um importante referencial de análise para várias áreas do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais. Conforme argumenta Kim (2016), a narrativa é um dos poucos empreendimentos humanos que é considerado tanto um aspecto básico como uma estratégia essencial da expressão humana. Histórias podem ser contadas para nos entretermos, para justificar ou explicar alguma coisa, para instruir e estabelecer normas sociais, etc. Porém, o aspecto mais crucial do ato narrativo é que “histórias nos dizem quem nós somos: elas são centrais para nossas identidades sociais e culturais” (Thornborrow e Coates, 2005, p. 7).

Um outro ponto que desejamos destacar é o caráter performativo do narrar. Se é por meio das narrativas que damos sentido a nós mesmos e ao mundo, o narrar é performativo (Melo e Moita Lopes, 2014; Gonzalez e Moita Lopes, 2015). O ato de narrar é ação, é performance, e é nesse ato que construímos os significados sobre quem somos. Tal entendimento da narrativa como performance constitui a assim chamada “virada performativa” nos estudos de narrativa (Peterson e Langellier, 2006), em que a investigação narrativa passa a ser compreendida pela teorização performativa (Kim, 2016). De acordo com Kim (2016), essa virada narrativa para performance parte da compreensão de que em todas as atividades e locais nós estamos em performances narrativas – para dar sentido às nossas experiências e construir identidades ao interagir com os outros, entendendo que esse processo se dá aqui e agora e que sua repetição pode ser compreendida como construindo substância para processos ficcionais de identificação.

Ademais, tomamos a narrativa de vida do universitário em questão sob a perspectiva de Arfuch (2010 [2002]), considerando a noção de “espaço” biográfico. Entendemos tal espaço como uma “configuração maior do que o gênero”, o que possibilita “uma leitura analítica transversal, atenta às modulações de uma trama interdis-

cursiva que tem um papel cada vez mais preponderante na construção da subjetividade contemporânea” (Arfuch, 2010 [2002], p. 132). No caso específico desta pesquisa, como o entrevistado foi convidado a narrar sua história de vida, tendo como foco sua experiência como universitário migrante, a produção discursiva já se configura de antemão como uma história de vida – inserida nesse espaço biográfico constitutivo da subjetividade do entrevistado.

Contexto, metodologia e ferramentas teórico-analíticas

Nossa análise focaliza uma entrevista narrativa, cabendo considerar que tanto a narrativa quanto a entrevista são procedimentos metodológicos relativamente novos, pois os indivíduos nem sempre foram considerados como fontes valiosas e significativas de conhecimento (Gubrium e Holstein, 2003). Entrevistas, como metodologia de investigação, não são apenas uma forma de obter informação sobre quem somos performativamente aqui e agora, elas são constitutivas de nossas vidas cotidianas (Gubrium e Holstein, 2003), se compreendidas, como de fato neste artigo, como um evento social construído na interação (Bastos e Santos, 2013).

Isso posto, a entrevista narrativa em questão foi gerada em uma sala da universidade onde o aluno estudava, em um evento narrativo do qual participaram Mário e um dos pesquisadores⁸. É importante ressaltar que o evento narrativo⁹ (Bauman, 1986) constitui a performance narrativa, no sentido de que ele é um evento situado, ou seja, há um cenário interacional específico, inserido em práticas comunicativas que influenciam e/ou restringem tanto o entrevistado/contador da história quanto o entrevistador/audiência (no caso específico, uma entrevista concedida para uma pesquisa, no ambiente universitário, em que há assimetria entre entrevistado e entrevistador).

Emergindo em um evento situado, cada performance é singular, já que vai depender das circunstâncias contextuais nele mobilizadas. Sendo assim, Mário e um dos pesquisadores sentaram-se frente a frente em uma sala de aula vazia da referida universidade, no final de uma tarde de verão. A pesquisadora explicou detalhadamente a Mário sobre o teor da pesquisa e teve seu consentimento para gravar¹⁰ a conversa. Logo a seguir, o gravador foi ligado e a

⁸ No momento da entrevista, ao assinar o Termo de Consentimento, o colaborador foi indagado no sentido de escolher um nome fictício, a fim de que sua identidade fosse preservada. Como ele não sentiu necessidade de fazer isso, um nome, no caso Mário, foi escolhido de forma aleatória. O colaborador concordou em participar da pesquisa e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizando suas narrativas para a pesquisa. Mário tinha 25 anos na época da entrevista.

⁹ Evento narrativo é performance, ou seja, é o evento que acontece no momento da interação, e o evento narrado se refere ao que é contado no evento narrativo, à história contada (Bauman, 1986).

¹⁰ A narrativa foi gravada e posteriormente transcrita. As convenções de transcrição utilizadas são uma adaptação da proposta de Jefferson (1983). Dessa forma, utilizamos (.) para marcar micropausa; :: para alongamento mais longo de vogal; ___ para marcar sílaba ou palavra enfatizada; °palavra° para marcar intensidade menor (“volume” baixo) e >palavra< para marcar fala acelerada. Embora nossa análise tenha como foco os posicionamentos interacionais de Mário marcados por pistas indexicais já mencionadas (Wortham, 2001), entendemos que algumas marcas sinalizadas na transcrição também indexicalizam significados/Discursos (Garcez *et al.*, 2014).

primeira pergunta foi feita. Mário parece não ter se mostrado inibido com a presença do gravador, uma vez que falou sem interrupções por mais ou menos uma hora e meia.

Cabe sublinhar o caráter coconstruído das performances narrativas, já que, ao se contar uma história, o narrador se dirige a alguém. Conforme argumenta Bamberg (2002, p. 155), “as pessoas se engajam interacionalmente na construção discursiva de como fazem sentido de si mesmas e do lugar ao qual pertencem”, à luz dos outros a sua volta. Tal engajamento interacional, no sentido de construir um significado sobre si mesmo, será analisado aqui em relação a Mário, utilizando-se o conceito de posicionamento (Davies e Harré, 1990; Bamberg, 2002; Moita Lopes, 2006a, 2009), entendido como algo construído nas interações sociais. De acordo com Bamberg (2002), a noção de posicionamento considera a pessoa como agente, que se posiciona na interação de maneira mais ou menos consciente e espontânea, engajando-se, através desse processo, na construção de um sentido de quem a pessoa é performativa e localmente na interação.

Complementando essa ideia, argumenta-se que posicionamento é um processo discursivo que localiza/posiciona as pessoas, tanto observadores quanto participantes, nas histórias produzidas em conjunto (Davies e Harré, 1990). As histórias e as narrativas, mais do que representar eventos e personagens, pressupõem versões do mundo social, posicionando o narrador e a audiência uns em relação aos outros e todos em relação ao mundo (Wortham, 2001). Pois bem, na análise empreendida, busca-se mapear quais posicionamentos foram engendrados pelo narrador no espaço discursivo criado nesse evento narrativo. Para isso será utilizado o conceito de pistas indexicais (Wortham, 2001) para se investigar os posicionamentos interacionais. São elas: referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; índices avaliativos e modalizações¹¹. Wortham (2001) se baseou no conceito de pistas de contextualização de Gumperz (2002 [1982]) para propor o conceito de pistas indexicais. Conforme explicita Gumperz (2002 [1982],

p. 152), as pistas de contextualização englobam “todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais”.

Com base no exposto, por meio das pistas indexicais propostas por Wortham (2001), nossa análise será conduzida a fim de perscrutar de que maneira estas pistas linguísticas indexam diferentes posicionamentos interacionais assumidos por Mário no curso da narração.

Análise de posicionamentos interacionais em performances narrativas de um aluno/migrante

Conforme já explicitado anteriormente, o evento narrativo aqui analisado ocorreu em um ambiente universitário, entre pesquisadora e colaborador. Como a narrativa gerada é bastante extensa, foram escolhidos alguns trechos considerados importantes devido à sua recorrência em arcabouços topicais no desenvolvimento da narrativa (Santos, 2013). Brown e Yule (1983) ressaltam que é mais adequado se referir a um arcabouço topical e contextual em vez de a uma noção de tópico como sendo simplesmente “aquilo sobre o que se está falando”. Dessa forma, tal arcabouço deve levar em conta aspectos como o tempo e o local onde o discurso foi proferido, saber quem proferiu o discurso e quem é a audiência, além de se considerar traços contextuais como pessoas, locais, entidades, eventos e fatos que precedem a conversa.

Nesse sentido, é primordial ressaltar que, embora o tema central das perguntas propostas pela pesquisadora não girasse em torno da questão de gênero/sexualidade¹², este foi um arcabouço topical levantado e retomado pelo entrevistado/narrador continuamente, fato que nos levou a escolher para análise alguns dos trechos que abordaram essa questão. Outro aspecto que merece destaque é o nosso entendimento de que a narrativa ora analisada, no momento em que foi extraída de seu contexto interacional original e em que pequenas narrativas foram

¹¹ De acordo com Wortham (2001), quando se narra são utilizadas pistas linguísticas que *referem* (referência) e *predicam* (predicação) os personagens da narrativa, de forma a posicioná-los. Da mesma forma, o narrador usa *descritores metapragmáticos* – verbos *discendi* – para descrever ações de personagens e eventos que são por ele avaliados. A *citação* possui o intuito de representar um evento de fala, combinando a referência a um personagem citado, o verbo metapragmático e a enunciação citada. Também constituem pistas linguísticas sobre o posicionamento os índices avaliativos, que associam os personagens a certas posições ou a grupos sociais por meio de suas falas e posicionam o narrador em relação a eles. A modalização epistêmica, por fim, diz respeito ao “*status* epistêmico da narração e dos eventos narrados”. Bronckart (2007 [1997]) divide as modalizações em quatro tipos: lógicas (como visto anteriormente, Wortham chama as modalizações lógicas de epistêmicas, termo esse que será utilizado nas análises empreendidas), deonticas, apreciativas e pragmáticas. As modalizações deonticas se referem à avaliação do que é enunciado frente a valores sociais (socialmente permitidos, proibidos etc.); as modalizações apreciativas se relacionam a um tipo mais subjetivo de julgamento (fatos enunciados seriam considerados bons, maus etc. na visão de quem avalia); por fim, a modalização pragmática traz um julgamento sob responsabilidade do personagem em relação ao processo de que ele é agente.

¹² Entendemos as categorias de gênero/sexualidade com base em uma visão performativa, ou seja, tanto gênero quanto sexualidade são produzidos performativamente, no sentido de que “a essência ou identidade que pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler, 2003 [1990], p. 194).

selecionadas para análise neste artigo, constitui uma nova entextualização¹³.

A pergunta principal da entrevista focava na motivação do estudante para escolher a universidade em questão e em como era a sua vida na nova cidade. A partir da questão inicial “Como tu vieste parar aqui?”, houve vários desdobramentos, mas como se verá, o narrador adota posicionamentos interacionais múltiplos, às vezes até contraditórios. Deteremo-nos aqui em um aspecto que emergiu durante a entrevista narrativa e que, no nosso entendimento, é o fio condutor que articula todos os outros temas e posicionamentos interacionais: o posicionamento do narrador/colaborador como homem branco e como heterossexual.

Isso posto, no começo da entrevista narrativa, Mário se posiciona como alguém do interior e explicita os motivos que o levaram a estudar na cidade para a qual migrou para estudar (Excerto 1).

No Excerto 1, podemos observar que a predicação “do interior de X”, que se refere tanto à cidade quanto ao colaborador, indexa discursos que o posicionam como alguém de uma cidade pequena – note-se a ênfase dada ao item “interior” na fala de Mário –, familiarizado com costumes mais provincianos, sentidos esses que são reforçados logo a seguir, quando ele predica sua cidade como “muito conservadora” – “Eu vim de uma cidade muito conservadora” – intensificando a predicação ao enfatizar o item linguístico “muito”. Assim, Mário apresenta dois motivos que o fizeram descartar o Rio de Janeiro. Antes, porém, de apresentar os dois motivos, ele justifica a posição de preconceito que é inicialmente assumida em relação

ao Rio por meio da modalização pragmática “tinha” – “eu tinha uma carga de preconceito”. O uso da modalização e a ênfase ao pronunciar “tinha” indicam que ele não tem mais preconceito, e a justificativa para essa mudança de posicionamento é explicitada por meio dos índices avaliativos, pronunciados em um tom mais baixo – “o que é uma coisa cultural da minha cidade”.

Ao ser indagado a respeito do motivo para tal preconceito, Mário relaciona, primeiramente, a forma como “eles” falam. O pronome “eles”, enfatizado na fala, funciona como uma pista indexical que marca o preconceito claramente explicitado em relação a outridades. Além disso, falar da mesma maneira configura o sotaque, que é uma referência comumente usada para sinalizar preconceito. Nesse sentido, o sotaque é um elemento ímpar para aproximar as pessoas ou para causar certo estranhamento. É com base tanto na entoação quanto nos itens lexicais empregados que marcamos simbolicamente o pertencimento de uma pessoa ou de um grupo social. O sotaque “funciona como um dos primeiros índices de identificação e também estereotípia. Remete a outras associações sonoras, imagéticas e discursivas que permitem construir, em torno da fala e de quem fala, pesados preconceitos” (Albuquerque Jr., 1999, p. 155).

Um segundo argumento, que já introduz um arca-bouço topical considerado crucial e recorrente da narrativa, diz respeito a “esse tipo de coisa/sexo” – pronunciado em um volume mais baixo, o que indexa o posicionamento de Mário a respeito de como se deve tratar o tema sexo, ou seja, “às escondidas” – que no Rio seria “uma coisa muito explícita”. O item lexical “coisa”, utilizado por Mário nas expressões “esse tipo de coisa”, “essas coisas”, “as

Excerto 1

- 1 Entrevistador (E) - A primeira coisa que eu queria te perguntar é o que que te motivou a
- 2 escolher a universidade X¹⁴, como é que tu vieste parar aqui?
- 3 Mário (M) - Sou de uma cidade do interior de X (.) >quando eu decidi vir pra cá<
- 4 (.) foi uma questão mais de exclusão de que inclusão (.) é o seguinte (.) na :::poca que e:::u
- 5 cursei o:: Enem em 2012 (.) eu:: tinha duas opções pra fazer o Enem (.) e daí:: eu tinha duas
- 6 opções pra:: escolhe::r (.) ou era Rio de Janeiro ou e:::ra o X (.) aqui °só que°
- 7 porque o problema é o segui::nte (.) eu tinha uma carga de preconceito muito grande com o
- 8 Rio de Jane::iro (.) °que é uma coisa cultural da minha cidade°.
- 9 E - Por quê?
- 10 M - Bo:::m (.) primeiro pela forma como eles falam (.) sério:: e depois pelo culto ao corpo
- 11 (.) entendeu >eu vim de uma cidade muito conservadora< (.) >esse tipo de coisa< (.) °sexo
- 12 essas coisas° são feitas às escondidas (.) e tudo ma:::is (.) são meio que:: e::: isso faz parte do
- 13 imaginá:::rio (.) faz parte da graça de fazer sexo (.) e lá::: no Rio de Janeiro as co:::isas (.)
- 14 >pelo menos no panorama que se tem (.) que se mostra assim (.) é que é uma coisa muito
- 15 explícita entendeu<

¹³ A presença de discurso direto e indireto nos excertos não foi analisada necessariamente como entextualização.

¹⁴ A fim de preservar o anonimato do colaborador, as referências à cidade, ao estado e à universidade feitas durante a entrevista foram substituídas por X.

coisas”, “uma coisa”, é usado para indexar sexo e práticas eróticas e sexuais, e seu emprego pode ser uma pista indexical que indica indecisão e dificuldade em enunciar a questão. De acordo com Mário, “coisa/essas coisas” são “feitas às escondidas” no interior de X e são “(uma coisa) muito explícita” no Rio, e, segundo ele, fazer sexo às escondidas “faz parte da graça de fazer sexo” – a ênfase dada na fala ao item lexical “graça” indexa sua avaliação positiva do ato sexual feito “às escondidas”.

Embora no início o narrador se posicione de maneira mais tradicional em relação a sexo, ao continuar sua narração Mário faz uma observação, ao justificar sua escolha pela outra cidade, que retoma o tópico sexo e mulheres, que marca um posicionamento reiterado, a partir deste momento, em torno da construção de sua masculinidade heterossexual (Excerto 2).

No Excerto 2, o descritor metapragmático “martelar” – pronunciado de maneira acelerada na frase “> muitas pessoas martela::ram na minha cabeça sobre que era questão das mulhe::r<” – indica que a ideia de muitas pessoas terem sugerido que o motivo pelo qual Mário teria escolhido o lugar em questão eram as mulheres foi uma ideia reiterada, repetida muitas vezes e por muitas pessoas. Porém, por parecer não concordar com esse argumento, Mário pronuncia esse trecho de forma acelerada. Ademais, cabe sublinhar que o argumento, proferido em um tom mais baixo, utilizado para justificar o fato de a sua primeira prioridade para a escolha deste estado não ter sido as mulheres – “mas essa não foi a minha primeira priorida::de” – não se contrapõe a essa ideia. Tal argumento marca o *status* epistêmico privilegiado de Mário, que de certa forma suspende o que está sendo dito para fazer uma afirmação categórica – uso do modalizador lógico “não foi” –, que demonstra autoridade e conhecimento em relação aos fatos.

Ao alegar que as mulheres não eram sua primeira prioridade, Mário argumenta intensificando a imagem de que ele gosta de mulheres, posicionando-o, dessa forma, como homem e como heterossexual, mas de uma maneira que contradiz o seu posicionamento mais conservador adotado no início da narração, uma vez que agora sua

explicação, introduzida pelo operador discursivo “porque”, sinaliza que se trata de um homem heterossexual experiente: “porque eu sempre °sempre° preferi um formato diferente (.) gosto mais de mulheres que fazem °swing assim”, o que o alinha a uma postura mais aberta em relação a esse assunto, ao passo que indexa Discursos relativos a uma performance heterossexual estilizada¹⁵.

Por outro lado, o fato de Mário abaixar seu tom de voz ao afirmar que gosta de mulheres que fazem “°swing assim” indexa um posicionamento mais reservado/recatado. Tal indexação é um exemplo de como o posicionamento de Mário oscila entre ser mais aberto e mais reservado sobre sua sexualidade. Além disso, cabe sublinhar ainda que por meio do seu comentário – “isso não sei se vem ao caso” –, pronunciado em um tom mais baixo em relação ao modo como vinha sustentando o narrar, seu posicionamento se desvia do evento narrado que entextualizou para o evento narrativo da entrevista. Tal desvio parece apontar sua preocupação com o fato de a entrevistadora ser uma mulher, o que, mais uma vez, indica a necessidade de estilizar sua masculinidade heterossexual.

Dando continuidade ao evento narrado, Mário tece considerações a respeito da cidade para a qual migrou, ressaltando novamente as transformações pelas quais vem passando. No Excerto 3 encontramos um trecho em que tais transformações são performadas.

No trecho destacado (Excerto 3), Mário se posiciona reconhecendo que as experiências vividas na cidade reformularam sua vida. Antes de passarmos às mudanças elencadas por ele na sua vida, mesmo que o estudante não teça considerações mais detalhadas sobre isso, a predicação “diferencia::da” – “é uma cidade que tem uma cultura diferencia::da” – no que tange à cultura da cidade, indica uma maior flexibilidade das pessoas, uma vez que essa diferenciação se dá, segundo Mário, por uma maior influência da França – país que, no senso comum, possui uma conotação, sobretudo por causa dos ideais da Revolução Francesa de “liberdade, igualdade e fraternidade”, de ser um país mais aberto e liberal – do que da Alemanha, país que carrega um estereótipo de rigidez e disciplina, além de toda carga negativa do nazismo.

Excerto 2

[...]

- 24 M – Bom (.) o que tá:: no meu imaginário é que eu achei que eu ia gosta::r daqui
 25 (.) entã::o (.) >apesar de que muitas pessoas martela::ram na minha cabeça sobre que
 26 era a questão das mulhe::r< (.) °mas essa não foi a minha primeira priorida::de° porque
 27 eu sempre °sempre° preferi um formato difere::nte (.) gosto mais de mulheres que fazem
 28 °swing assim° (.) °isso não sei se vem ao caso°

¹⁵ Estilo diz respeito a como os falantes usam os recursos linguísticos para fazer sentido nos encontros sociais, constituindo as estratégias de ação e de performance nas quais os falantes se engajam para construir a si mesmos e suas vidas sociais (Coupland, 2007).

Excerto 3

29 M – Bom (.) e aí eu cheguei (.) e eu comecei a:: conhece::r muita gente (.) e foi muito legal
 30 porque:: i::sso me trouxe uma carga de experiências (.) e de reformulações de vida (.) e que::
 31 foram me realiza::ndo aqui em X também (.) porque X é uma cidade muito atípica (.) com
 32 relação ao estereó::tipo que a gente tem com (.) porque:: é uma cida::de que tem muitos
 33 negros (.) é uma cidade que tem uma cultura diferencia::da (.) >que não é tão influenciada
 34 pela Alemanha igual a todo mundo pensa< (.) é mais influenciada pela França (.) e que tem
 35 também uma religiã::o (.) é:: africana muito forte (.) então eu conheci várias pessoas desse
 36 meio °entendeu° (.) >e comecei a rever vários conceitos (.) e perceber vá::rias coisas< (.) e
 37 também a questão dos homossexuais (.) que é gritante que é:: (.) e aqui é muito mais natural
 38 que em outro lugar (.) então eu revi uma série de preconceitos que eu ti::nha
 39 E - Em que senti::do (.) tu acha que aqui as pessoas aceitam mais?
 40 M- Eu acredito que:: aqui as pesso::as aqui: (.) si::m eu acredito (.) porque eu vi::vo no meio
 41 universitá::rio então eu não sei exatamente então como é que é fora (.) mas dentro da
 42 faculdade (.) a realidade (.) as mulhe::res (.) os ne::gros (.) os homossexua::is são muito mais
 43 emponderados do que a classe média (.) e brancos assim heterossexuais (.) heteronormativos
 44 e >eu acho isso bem justo entendeu<

Um primeiro aspecto abordado em relação à sua mudança de posicionamento diz respeito à questão dos negros. Embora Mário não se refira explicitamente a qualquer fato que denote preconceito racial, ele predica o local da seguinte forma: “uma cidade que tem muitos negros” – ressaltando e enfatizando negros em sua fala – e “que tem também uma religiã::o [...] africana muito forte” – o próprio fato de Mário se referir à forte presença de religiões de matriz africana reforça sua percepção em relação à questão racial. Tal predicação mobiliza discursos sobre questões raciais, os quais o levaram a rever muitos conceitos. Os modalizadores apreciativos “rever” e “perceber” indexam toda uma mudança de posicionamento do narrador em relação a questões raciais, uma vez que, ao notar certos valores não explicitados e ao revê-los, entendemos que Mário questionou alguns de seus posicionamentos anteriores provavelmente ligados a algum tipo de preconceito racial.

O segundo aspecto relacionado à sua mudança de posicionamento acontece no que diz respeito à “questão dos homossexuais”, predicada como “gritante” e “muito mais natural” – “que é gritante que é (.) e aqui é muito mais natural que em outro lugar” – sendo que as palavras “homossexuais” e “natural” são enfatizadas na sua fala, o que parece ecoar Discursos (Gee, 2004) do senso comum, de que na referida cidade haveria muitos homossexuais. Segundo Mário, a questão dos homossexuais é algo muito evidente, que possui grandes proporções, e que seria “mais natural” do que em outros lugares. Mais uma vez ele sinaliza que mudou de posicionamento, desta vez em relação a questões de sexualidade, modalizando de forma apreciativa seu posicionamento por meio do emprego do verbo “rever” e da ênfase dada ao item lexical “série”, que indexa o fato de seus preconceitos serem muitos – “então eu revi uma série de preconceitos que eu tinha”. A modalização pragmática

indexada pelo item lexical “tinha” também reforça a ideia de que ele não tem mais preconceitos no que diz respeito a essas questões, ou seja, sinaliza que houve uma mudança no seu posicionamento interacional.

Questionado pela pesquisadora no que tange à suposta aceitação das pessoas homossexuais, ele reitera sua posição por meio da modalização epistêmica “si::m eu acredito” – o alongamento da vogal enfatiza tal afirmação –, seguida de uma explicação iniciada pelo operador discursivo “porque”, que justifica essa modalização – “porque eu vivo no meio universitá::rio”. A consideração que Mário faz logo então marca como o seu posicionamento entre alguém que vem de uma cidade conservadora do interior oscila frente às novas experiências vivenciadas no meio universitário. Ele afirma: “dentro da faculdade (.) a realidade (.) as mulhe::res (.) os ne::gros (.) os homossexua::is são muito mais emponderados do que a classe média e brancos assim heterossexuais” – aqui também o alongamento de vogais utilizado nos itens lexicais “mulheres”, “negros” e “homossexuais” serve para enfatizar esse grupo de pessoas. O emprego do predicador “empoderado” indexa esse posicionamento mais flexível e aberto, que é reforçado quando ele avalia o que é dito por meio da modalização pragmática “bem justo” – “>e eu acho isso bem justo<”, trecho esse pronunciado de maneira acelerada, o que pode indicar que sua convicção sobre achar isso “bem justo” não seja tão forte assim. De toda forma, tal posicionamento de Mário demonstra como a sua experiência vai alterando a maneira como ele se coloca diante de todas essas questões.

A entrevista narrativa continua e a entrevistadora e o entrevistado falam sobre preconceito e sobre algumas nuances da vida de Mário, quando ele retoma o arcabouço topical da sexualidade e do gênero. A retomada se dá com a seguinte declaração do narrador:

Excerto 4

45 M – Ba:h (.) eu comecei a falar sobre um assunto e não contei (.) °acho que já passei do
 46 ponto°
 47 E - Pode falar.
 48 M – Ba:h (.) foi assim (.) bom e aí:: eu percebi:: uma força estudantil muito presente ali¹⁶
 49 pelo fato seguinte (.) existiu uma pessoa ali:: na casa do estudante que tem uma influência
 50 eno::rme dentro da faculdade inteira
 51 E - Um estudante?
 52 M - Um estudante (.) só que é um estudante profissional (.) que ele tá aqui há 12 anos eu
 53 acho:: (.) e:: o que que ele fe::z (.) o que que o estudante fez (.) ele sepa::rou (.) >as pessoas
 54 possivelmente de direita das de esquerda< (.) não explicitamente (.) ninguém falo::u (.) mas
 55 se você o::lha no X (.) o X é composto assi::m (.) tinham 44 pessoas lá (.) dessas 44, 39 eram
 56 homossexuais, tinha 3 negros e eu (.) °e mais um outro cara° e:: aí:: >e::m Y só tinha 18
 57 pessoas entendeu (.) em Y não, em Z, tinha 18 pessoas e eram todos assim classe média
 58 baixa < (.) então era mu::ito explícito °aquilo° >só quem tinha acabado de entrar na
 59 universidade não percebia (.) entendeu< (.) e a doutrinaçã::o lá era muito forte (.) >e:: eu
 60 cheguei lá e ainda tava nessa vibe de fazer muitos amigos que eu pudesse< (.) daí eu falei::
 61 vou chegar lá e ser ami::go de todo mundo e tudo ma::is porque eu preciso dessas pessoas
 62 pra viver e tal (.) °não posso fazer inimizade com ninguém° (.) entã::o eu entrei pro:
 63 movimento político (.) >e fu::i e comece::i a sair com o pessoa::l e numa dessas saiu eu (.) e
 64 a: única menina heterossexual do X< (.) todas as outras lésbicas (.) e nesse dia eu passei das
 65 10 da noite até umas 4 da manhã escuta::ndo >porque os homens não prestam deveriam ser
 66 exterminados e qual era a utopia das lésbicas de onde não precisava existir homem e ela ia
 67 matar todo mundo (.) todos os homens e iam reproduzir só umas com as outras< (.) então eu
 68 saí de lá me sentindo muito lixo entendeu.

Nesse ponto da narrativa, Mário aborda, inicialmente, uma certa divisão existente, sob seu ponto de vista, nos alojamentos de estudantes da Universidade. Tal divisão seria fruto da influência de uma pessoa, referida por ele como um “estudante”, que é a seguir predicado de duas formas: “tem uma influência eno::rme dentro da faculdade inteira” e é “profissional” – o alongamento da vogal indexa a grande influência desse estudante, e a ênfase dada ao item lexical profissional sinaliza o fato de que as atitudes tomadas por essa pessoa são planejadas e pensadas como um profissional, não como um amador ou um estudante. Ao predicar esse estudante, pode-se perceber como Mário modaliza epistemicamente seu enunciado ao se referir a alguém que morava no local mencionado – o alojamento X – e como alguém que conhecia as pessoas e os acontecimentos – “eu percebi:: uma força estudantil muito presente ali” –, o que o autoriza a tecer essas considerações, conferindo verossimilhança aos fatos narrados.

Além disso, ao explicitar o que o estudante fez, separar as pessoas de direita das de esquerda, Mário continua modalizando epistemicamente seu enunciado: “possivelmente” e “não explicitamente” – “ele sepa::rou

(.) > as pessoas possivelmente de direita das de esquerda< (.) não explicitamente”. Tal emprego não imprime à afirmação um total grau de certeza. Ademais, um trecho desse excerto foi proferido de forma acelerada, indicando que a questão política não é o seu foco. Mesmo que tal questão não seja o seu foco, a forma como ele descreve a posição de poder ocupada há tanto tempo pelo líder de um dos alojamentos estudantis denota certos conflitos de gênero, raça e classe social.

Tais conflitos e a posição de poder ocupada pelo líder estudantil são percebidos pela divisão realizada em duas das casas de estudantes no que diz respeito ao número de alunos: na Z havia somente 18 estudantes, e na X, 44. Enquanto os 18 estudantes da casa Z são predicados com base em fatores econômicos – “de classe média baixa” –, na outra casa, a X, os estudantes são divididos por Mário com base em questões de gênero, sexualidade e raça: 39 pessoas são predicadas como homossexuais; três são predicadas como negras, e tanto ele quanto “um outro cara” não são predicados, não merecem nenhum tipo de avaliação – “tinham 44 pessoas lá (.) dessas 44, 39 eram homossexuais, tinha 3 negros e eu (.) °e mais um outro

¹⁶ Ali faz referência a um dos alojamentos de estudantes da universidade. A fim de preservar o sigilo das informações e para que as pessoas envolvidas não sejam reconhecidas, o nome do alojamento foi excluído da transcrição e em seu lugar utilizamos X. Outros dois alojamentos mencionados foram substituídos por Y e Z.

cara^o”. Mais uma vez, Mário enfatiza na sua fala as palavras “homossexuais” e “negros”, além de baixar o tom de voz ao mencionar um outro cara, ressaltando dois grupos e não enfatizando uma pessoa predicada como branca e heterossexual. Tal divisão mobiliza certos discursos relacionados à “matriz heteronormativa” (Butler, 2003 [1990]), assim como a matriz que chamamos aqui de branquitude, ou seja, ao predicar e destacar os estudantes como homossexuais e como negros, em contraposição a ele e a “um outro cara” que não são predicados, Mário se posiciona como alguém que não é homossexual nem negro, se posicionando dentro dessas matrizes, que não precisam ser marcadas. Assim, homens brancos heterossexuais não precisam ser identificados justamente porque constituem um padrão tido como a norma hegemônica (Moita Lopes, 2006a).

Ele continua a descrição conferindo outra característica ao alojamento X, dos estudantes de esquerda, como um local onde a doutrinação era muito forte. Para corroborar o argumento da forte doutrinação existente na casa de estudantes, Mário insere uma pequena história, que versa sobre sua saída com um grupo de estudantes da casa. Ele conta que “numa dessas” ele, heterossexual, saiu com algumas colegas, uma delas predicada como “a única menina heterossexual de X” – ênfase na fala em “única” – e as outras predicadas como “lésbicas”: “todas as outras lésbicas”.

A forma como Mário predica a si mesmo e suas colegas, além de posicioná-lo como homem e como heterossexual, mobiliza discursos relativos à masculinidade heterossexual hegemônica (Rodrigues, 2003; Tilio, 2003; Moita Lopes, 2006a), que, entre outras coisas, considera os discursos do feminismo, adotado pelas lésbicas em questão e pela única menina heterossexual, como radicais e extremistas. Esse posicionamento é evidenciado mediante certos índices que parecem enfatizar o sentimento de contrariedade do narrador em relação ao que estava ouvindo (discursos feministas), sentimento esse indexado por meio do uso do descritor metapragmático “passar escutando”, além da ênfase, colocada na sua fala, no verbo passar (“passei”) e no horário, entre 10 e 4 – “nesse dia eu passsei das 10 da noite até umas 4 da manhã escutando porque os homens não prestam deveriam ser exterminados” –, que intensifica o longo período de tempo em que isso ocorreu.

Ele também se utiliza de uma citação indireta, que afirma que “os homens não prestam, deveriam ser exterminados”, a qual atribui verossimilhança à narrativa. Além disso, a citação, ao predicar os homens como “não prestando”, contém uma modalização deontica – “devem ser exterminados”, que posiciona os homens frente a normas sociais ao passo que reforça os sentidos da referência predicativa em relação a feministas – “feministas são extremistas”, posicionando Mário de um lado – homem heterossexual – e suas colegas de outro – feministas ferrenhas, lésbicas ou não. Cabe ressaltar também o fato de

que o longo trecho em que ele cita o argumento das colegas lésbicas ter sido proferido por meio de uma fala acelerada, indexando sua contrariedade ao falar sobre aquilo e a vontade de finalizar logo a citação – “>porque os homens não prestam deveriam ser exterminados e qual era a utopia das lésbicas de onde não precisava existir homem e ela ia matar todo mundo (.) todos os homens e iam reproduzir só umas com as outras<”. No fim da narrativa, ele se posiciona como vítima frente aos discursos das feministas, predicando a si mesmo como “muito lixo” – “então eu saí de lá me sentindo muito lixo entendeu”. A ênfase dada ao item lexical lixo, que indica tudo aquilo que não tem valor e deve ser descartado, indexa seu posicionamento interacional como vítima.

Considerações finais

Com base na análise realizada, podemos levantar alguns aspectos que merecem destaque, tendo em mente que as narrativas constituem práticas situadas e que não se pode fazer considerações generalizantes. Por outro lado, contar uma história é uma maneira de o social ser incorporado, encenado e refeito (Threadgold, 2005). Sendo assim, Mário, ao contar a história da sua vida na cidade em que foi morar, insere-se em uma discussão mais ampla, indexando diferentes discursos que giram em torno de uma luta performativa a respeito de seus posicionamentos de gênero e de sexualidade.

Dessa forma, ao construir sua história criando e descrevendo personagens, organizando certos fatos temporalmente e se posicionando na história diante dos personagens e dos fatos, ele constrói, para si e para a entrevistadora, um sentido para/de si mesmo, coconstruído na interação. O caráter performativo das narrativas é identificado no narrar de Mário, já que, ao contar sua história, ele produz aquilo que descreve. Sendo performativo, esse sentido do eu construído por Mário não é fixo e, como vimos, oscila durante a narrativa, havendo, inclusive, momentos em que o próprio narrador explicita e avalia as mudanças em seus modos de sociabilidade.

No decorrer da análise, podemos acompanhar os processos de identificação de Mário diante das experiências propiciadas pela sua vivência na cidade, no meio universitário. Dessa forma, sua experiência de deslocamento e de migração deve ser encarada como momentos de constante interação entre modos de pertencimento antigos e novos (Petrus e Francalino, 2010). Embora se possa argumentar que o ambiente universitário, por si só, possibilite experiências que desacomodam os modos de sociabilidade dos acadêmicos, entendemos que o fato de Mário ter se mudado para uma cidade e para um estado diferentes do seu de origem é significativo em relação à maneira como ele passa a se narrar e a se posicionar interacionalmente.

Tal experiência no ambiente universitário, em outra cidade e em outro estado, fez com que Mário se constitu-

ísse, nos excertos aqui analisados, como alguém que se posiciona ora como homem heterossexual com uma nuance mais conservadora, criticando, por exemplo, a atitude de certas feministas extremistas, ora como homem branco heterossexual mais liberal, defendendo o que ele considera o empoderamento de grupos homossexuais, de mulheres e de negros. Esses diferentes posicionamentos podem ser encarados à luz da experiência do deslocamento e considerados complementares na medida em que ele, vindo de uma cidade conservadora do interior de um estado da região Centro-Oeste, se depara com um contexto – propiciado em grande parte pelo ambiente universitário – mais liberal, convivendo com pessoas que colocam em xeque muitas de suas crenças e convicções. Essa experiência possibilita que Mário, ao mesmo tempo em que reafirma e assume, na situação de interação aqui analisada, posicionamentos como homem heterossexual vinculados a uma matriz heteronormativa e branca, também questione alguns de seus próprios posicionamentos interacionais em relação a questões de gênero e sexualidade, notadamente quando se predica como “lixo” no último excerto. São esses questionamentos que chamamos aqui de desequilíbrios narrativos.

É importante mencionar que tais desequilíbrios, por mais que sejam viabilizados por sua experiência como migrante no Brasil, não podem ser vistos somente sob o prisma das assim chamadas migrações regionais. Mesmo que a cidade para a qual Mário migrou não se caracterize como um ambiente superdiverso (Vertovec, 2007), esse mundo de fluxos, de mobilidade e de quebra de fronteiras, que cada vez mais se apresenta no panorama mundial com efeitos discursivos translocais, é crucial para entendermos esses desequilíbrios aqui demonstrados por meio da performance narrativa de Mário.

Por fim, gostaríamos de sublinhar, mais uma vez, o caráter performativo de nossos posicionamentos interacionais e a importância das narrativas na construção desses posicionamentos. Se nos construímos social e culturalmente na interação, por meio das histórias que contamos e que ouvimos sobre nós mesmos e sobre os outros, então sempre há possibilidades de gerarmos espaços discursivos e posicionamentos variados e múltiplos, que escapem aos grandes discursos e às grandes narrativas que podem, muitas vezes, nos aprisionar. Trazemos um último excerto em que Mário ressalta justamente os processos de mudança e de questionamento pelos quais ele passou e passa na sua experiência: “Então eu reví uma série de preconceitos que eu tinha. [...] Então, eu vivo no meio universitário, entendeu, e fui influenciado por esse meio e dentro desse meio eu soube de várias ideias, entendeu? Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo. E aí eu percebi que várias coisas que eu tinha como ideias fixas ou naturais, como pode se dizer também, não faziam o menor sentido”. Embora tal excerto não tenha sido analisado acima, ele bem sinaliza os processos reflexivos e oscilatórios que Mário vivenciou.

Assim, julgamos significativo o estudo e a pesquisa acerca da experiência desses universitários que se deslocam no Brasil para estudar, pois tal desterritorialização pode ser compreendida como um momento singular no sentido de possibilitar o estranhamento, o engendramento de outros modos de pertencimento e de performatar outros discursos sobre quem podemos ser. A mobilidade que o programa SiSU possibilita, apesar das críticas já apontadas na nota número 4, pode colaborar na compreensão e na construção de discursos alternativos para a vida social no confronto aguçado com a alteridade. Esses processos de deslocamentos internos são cruciais para se aprender a viver em tempos nos quais a mobilidade é central. Em um mundo de fronteiras porosas e de fluxos, não há lugar para essencialismos, mas há cada vez mais possibilidades de estranhamentos de si mesmos cristalizados.

Referências

- ALBUQUERQUE JR., D.M. 2007. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar. As fronteiras da discórdia*. São Paulo, Cortez, 135 p.
- ALBUQUERQUE JR., D.M. 1999. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo, Cortez, 340 p.
- ARFUCH, L. 2010 [2002]. *O Espaço Biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 367 p.
- AUSTIN, J.L. 1990 [1962]. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 136 p.
- BAMBERG, M. 2002. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção de identidade aos 15 anos. In: L.P. MOITA LOPES; L.C. BASTOS (orgs.), *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, Mercado de Letras, p. 149-185.
- BASTOS, L.C.; SANTOS, W.S. (orgs.). 2013. *A entrevista na pesquisa qualitativa. Perspectivas em análise narrativa e da interação*. Rio de Janeiro, Quartet/Faperj, 203 p.
- BAUMAN, R. 1986. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge, CUP, 129 p.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511620935>
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. 2006. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha – Revista de Antropologia*, 8(1,2):185-229. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230/17095>. Acesso em: 18/07/2016.
- BAUMAN, Z. 1999. *Globalização. As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 145 p.
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. 2011. Language and superdiversity: a position paper. In: *Working papers in Urban Language & Literacies, Paper 70*. Londres, Tilburg University and King's College, p. 1-21.
- BLOMMAERT, J. 2010. *A sociolinguistics of globalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 231 p.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511845307>
- BLOMMAERT, J. 2006. Sociolinguistic scales. Working Papers in Urban Language & Literacies, Paper 37, p. 1-15. Disponível em: https://www.academia.edu/6465214/WP37_Blommaert_2006._Sociolinguistic_scales. Acesso em: 28/08/2016.
- BRONCKART, J.P. 2007 [1997]. *Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. 2ª ed., São Paulo, EDUC, 353 p.
- BROWN, G.; YULE, G. 1983. *Discourse analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 302 p.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511805226>
- BUTLER, J. 2003 [1990]. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 236 p.

- CANCLINI, N.G. 1999. *La globalización imaginada*. Buenos Aires, Paidós, 238 p.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo, Edinburgh University Press, 168 p.
- CONNELLY, F.M.; CLANDININ, D.J. 2011. *Pesquisa Narrativa. Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia, EDUFU, 250 p.
- COULPLAND, N. 2007. *Style. Language variation and identity*. Cambridge, Cambridge University Press, 206 p.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511755064>
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. 1990. Positioning: The discursive Production of Selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, **20**(1):43-63.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x>
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. 2012. *Analyzing narrative. Discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge, Cambridge University Press, 220 p.
- DERRIDA, J. 1991 [1972]. *Margens da Filosofia*. Campinas, Papirus, 373 p.
- FREEMAN, M. 2013. Why narrative is here to stay. A return to origins. In: M. HYVÄRINEN; M. HATAVARA; L.C. HYDEN (orgs.), *The travelling concepts of narrative*. Amsterdam, John Benjamins, 311 p. <https://doi.org/10.1075/sin.18.04fre>
- GARCEZ, P.M.; BULLA, G.S.; LODER, L.L. 2014. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *D.E.L.T.A.*, **30**(2):257-288.
<https://doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>
- GEE, J. 2004. *Situated language and learning. A critique of traditional schooling*. New York, Routledge, 136 p.
- GONZALEZ, C.R.; MOITA LOPES, L.P. 2015. Posicionamentos interacionais mobilizados por Tudo sobre minha mãe na rede social Filmow. *D.E.L.T.A.*, **31**(2):473-503.
<https://doi.org/10.1590/0102-445011081768832268>
- GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. 2003. From the individual interview to the interview society. In: J.F. GUBRIUM; J.A. HOLSTEIN (orgs.), *Postmodern Interviewing*. California, London, New Delhi, Sage, p. 21-49. <https://doi.org/10.4135/9781412985437.n2>
- GUMPERZ, J. 2002 [1982]. Convenções de contextualização. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ, *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p.149-182.
- HAESBAERT, R. 2004. *O Mito da Desterritorialização. Do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 395 p.
- HAESBAERT, R. 1997. *Des-territorialização e identidade. A rede "gaúcha" no Nordeste*. Rio de Janeiro, Editora da UFF, 293 p.
- JEFFERSON, G. 1983. Issues in the transcription of naturally occurring talk: caricature versus capturing pronunciational particulars. *Tilburg papers in language and literature*, **34**:1-12. Disponível em: http://www.liso.ucsb.edu/liso_archives/Jefferson/Caricature.pdf. Acesso em: 24/03/2016.
- KIM, J.-H. 2016. *Understanding Narrative Inquiry*. Los Angeles, Sage, 341 p.
- MATO, D. 2005. Esboço para uma linha de investigação em cultura e transformações sociais em tempos de globalização. In: M.V. COSTA (org.), *Caminhos Investigativos III. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 155-177
- MELO, G.C.V.; MOITA LOPES, L.P. 2014. A performance narrativa de uma blogueira: tornando-se preta em um segundo nascimento. *Alfa: Revista de Linguística*, **58**(3):541-569.
<https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-2>
- MOITA LOPES, L.P. (org.). 2013. *O Português no Século XXI. Cenário Geopolítico e Sociolinguístico*. São Paulo, Parábola, 398p.
- MOITA LOPES, L.P. 2006a. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: A. DE FINA; D. SCHIFFRIN; M. BAMBERG (orgs.), *Discourse and Identity*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 85-107.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511584459.015>
- MOITA LOPES, L.P. 2006b. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo, Parábola, 279 p.
- MOITA LOPES, L. P. 2009. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL*, **27**:129-157.
- MOITA LOPES, L. P. 2003. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: L.P. MOITA LOPES (org.), *Discursos de Identidades*. Campinas, Mercado de Letras, p. 13-38.
- NAIL, T. 2015. *The figure of the migrant*. Stanford, Stanford University Press, 295 p.
- PENNYCOOK, A. 2007. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Nova York, Routledge, 131 p.
- PENNYCOOK, A. 2006. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: L.P. MOITA LOPES (org.), *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo, Parábola, p. 67-84.
- PENNYCOOK, A. 1998. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: I. SIGNORINI; M.C. CAVALCANTI (orgs.), *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, Mercado de Letras, p. 23-49.
- PETERSON, E.E.; LANGELLIER, K.M. 2006. The performance turn in narrative studies. *Narrative Inquiry*, **16**(1):173-180.
<https://doi.org/10.1075/ni.16.1.22pet>
- PETRUS, R.; FRANCALINO, J.H. 2010. Refugiados congoleses no Rio de Janeiro: afirmação e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: A.P. FERREIRA; H. PÓVOA NETO; M.O. SANTOS (orgs.), *A Experiência Migrante. Entre Deslocamentos e Reconstruções*. Rio de Janeiro, Garamond, p. 209-226.
- RODRIGUES, R.L.A. 2003. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In: L.P. MOITA LOPES (org.), *Discursos de Identidades*. Campinas, Mercado de Letras, p. 67-88.
- SANTOS, W.S. 2013. Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. In: L.C. BASTOS; W.S. SANTOS (orgs.), *A entrevista na pesquisa qualitativa. Perspectivas em análise narrativa e da interação*. Rio de Janeiro, Quartet/Faperj, p. 21-35.
- SILVEIRA, F.L.; BARBOSA, M.C.B.; SILVA, R. 2015. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Uma análise crítica. *Revista Brasileira Ensino de Física*, **37**(1):1-6.
<https://doi.org/10.1590/S1806-11173710001>
- SILVERSTEIN, M. 2009. Pragmatic Indexing. In: MEY, J.L., *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London, Elsevier, p. 756-759.
- SILVERSTEIN, M. 2003. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, **23**(1):193-229.
[https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)
- SOUZA, T.L.; RODRIGUES, R. 2014. Desenvolvimento e Educação: a história crítica do ENEM e o impossível na qualidade da Educação. Disponível em: <https://www.sidtecs.com.br/2014/wp-content/uploads/2014/10/1151.pdf>. Acesso em: 20/01/2016.
- THREADGOLD, T. 2005. Performing theories of narrative. Theorizing narrative performance. In: J. THORNBORROW; J. COATES (org.), *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam, John Benjamins, p. 261-278.
<https://doi.org/10.1075/sin.6.13thr>
- THORNBORROW, J.; COATES, J. (org.), 2005. The sociolinguistics of narrative. Identity, performance, culture. In: J. THORNBORROW; J. COATES (org.), *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam, John Benjamins, p. 1-16.
- TILIO, R. 2003. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: L.P. MOITA LOPES (org.), *Discursos de Identidades*. Campinas, Mercado de Letras, p. 89-111.
- VERTOVEC, S. 2007. Superdiversity and its implications. *Ethnic and racial studies*, **30**(6):1024-1054.
<https://doi.org/10.1080/01419870701599465>
- WORTHAM, S. 2001. *Narratives in Action*. New York, Teacher's College Press, 183 p.

Submetido: 09/10/2016
Aceito: 27/06/2017